



O GLOBO | Segunda-feira 1.6.2020

SEGUNDO EM QUARENTENA

segundocaderno@oglobo.com.br

DIÁRIO MUSICAL DE UMA ERA DE SOLIDÃO

REALIZADO EM 43 DIAS, 'Só' apresenta nove canções inéditas de Adriana Calcanhotto, que compôs e produziu o novo disco em isolamento social

SÉRGIO LUZ

sergio.luz@oglobo.com.br

Assim que começou a quarentena, Adriana Calcanhotto decidiu tentar compor algo a cada manhã. Trocou sua peça de vestimenta predileta, o pijama — com o qual ela já se apresentou até em programa de TV —, por roupas do dia a dia, criando uma rotina de trabalho. Foi a partir desse processo que surgiram as nove canções inéditas de "Só", todo composto, gravado e produzido num período de 43 dias de isolamento social.



"A quarentena deixa tudo muito intenso e rápido, e o pano de fundo político deixa ainda mais acelerado"

"Pensei nisso que está acontecendo com todo mundo que perde estes queridos e não pode se despedir"

Adriana Calcanhotto, cantora



LEO AVESPA

que formaram a banda base de "Margem" — e outros com quem Adriana ainda não havia colaborado, como Zé Manoel (piano) e Chibatinha (guitarrista do grupo baiano Attooxxa).

— Não conheço pessoalmente o Chibatinha e o Zé, mas tenho admiração por eles. Todos estão tocando como se estivessem juntos, não ouço como algo frio, distante. Tinha o intuito de botar a galera para trabalhar, mas muitos abriram mão do cachê, quiseram dar também — conta a cantora, que reverteu os direitos artísticos de "Só" para instituições como Redes da Maré, A Rocinha Resiste e Coletivo Papo Reto.

LUTO E HOMENAGEM

Apesar de não ter sido amiga íntima de Moraes Moreira, que morreu em abril, Adriana dedica o disco ao baiano.

— Ele não morreu de Covid, foi de infarto. Mas o Brasil não pôde se despedir por causa da pandemia. E pensei nisso que está acontecendo com todo mundo que perde entes queridos e não pode se despedir, fazer a assimilação do luto. Gostava muito dele — comenta.

Sem poder voltar a Coimbra, onde lecionava na renomada universidade da cidade portuguesa, Adriana homenageia o local em "Corre o Munda": "Não permita Deus / Que eu morra sem voltar / A flamar-te sob o céu cinza".

— Eu tinha essa frase, "Não existe rima para ti, Coimbra", antes da quarentena. Coimbra mudou a minha vida, um tipo de coisa que não havia sonhado, mas que só me faz bem. E não sei se poderei voltar para lá. Mas não gosto da ideia de volta (ao antigo normal), já foi. E o fato de não ter planos, a coisa de viver cada dia, é evidente que há um preço. Lembrei de um dia de show em que saímos de barco, e alguém disse para o capitão que precisávamos voltar antes das 15h. E ele respondeu: "E o mar, não dá para garantir nada." E é isso, se a gente pensar bem, nunca temos certeza de nada.

Outras dessas incertezas são o momento do país e a dúvida sobre como promover um novo trabalho durante a pandemia.

— A quarentena deixa tudo muito intenso e rápido, e o pano de fundo político deixa ainda mais acelerado. Mexe comigo a ponto de sair o disco. Podemos fazer algo de bom ou não com isso. Quando sai da live do Sesc, estava a dois passos do meu quarto, sem hotel, raios x, aeroporto. Um sonho. Vou pensar em fazer de casa um show para o disco, a gente precisa inventar. Imagina se agente não tivesse internet? Fico horrorizada de pensar.

Colaborações.

Capotrizado por Arthur Nogueira, álbum tem participações de músicos como Bem Gil e Zé Manuel

mais urgente do que é em geral no meu trabalho — diz a gaúcha de 54 anos, cujo disco anterior, "Margem" (2019), foi lançado após um hiato de sete anos sem um conjunto de inéditas. — O Arthur me conhece, é autor, compositor, tem um ponto de vista sobre cada canção. Mas não nos falamos muito. Ia mandando uma música de cada vez, foi tudo pá-pum.

DO SAMBA AO FUNK

E assim brotaram os temas de "Só", com o amálgama antropofágico que caracteriza a obra da Mulher do Pau Brasil, aglutinando ingredientes e temperos do samba ("Sol quadrado"), do funk ("Bunda lê lê", em parceria com Dennis DJ) e de balada ("Tive notícias"). Ou às vezes tudo junto e misturado, com pita-

das de eletrônico, como em "Eu vi você sambar". — As atmosferas musicais vêm mais na hora dos arranjos. Para explicar a distância, dizer isso ajuda. Essas referências significam coisas diferentes para cada música — conta Adriana, que elogia o "generoso e engajado" Dennis DJ. — Eu pensava na salada do funk, na dificuldade de ouvir o funk em função das letras, e usei as mesmas palavras: "vai, senta e bunda" (risos). Eu tenho lidado muito com essa batida, e o Dennis faz uma conjugação do lírico com o peso do funk. Para não ficar um funk híbrido, como são os meus, quis um original.

"Só" é um diário, com datas e horários anotados para cada canção, "Só" reflete sobre os anseios da vida de iso-

lamento durante a pandemia, dando luz versos como "Em tempos de quarentena... / Nós estamos amontoados e sós", em "O que temos", na qual cita as sacadas dos sobrados de "Terra", de Caetano Veloso, que por sua vez citou as sacadas dos sobrados de "Você já foi à Bahia?", de Dorival Caymmi.

— Alguma cultura musical aparece, mas não tinha aquela coisa de ser um álbum assim, assim, assim. Cada faixa foi caso a caso. E todas as intuições estavam muito certas. Como eles detalharam isso, não sei. Mas chegava uma canção do Arthur, voltava legal, mandava outra.

Além do trio do Pará, participam do disco músicos como Rafael Rocha (percussão), Bruno Di Lullo (violão e baixo), Bem Gil (guitarra) —

CRÍTICA / "Só", Adriana Calcanhotto > Bom Delicadeza em pleno incêndio

SILVIO ESSINGER

silvio.essinger@oglobo.com.br



nhotto, são rubras, em brasa. Mas a música, essa não dá pinta de que a coisa toda está fervendo por baixo, tampouco revela um afobamento no fazer: esse é um disco tão Adriana quanto os que ela lançou em outros tempos, com outro espírito, outras motivações.

"Só" carrega a marca da artista em sua recusa de se ater a formatos e na qualidade do acabamento —

como música, ele flui muito bem, especialmente em "Eu vi você sambar", uma dessas faixas que poderiam passar malemientes pela desatenção dos ouvintes. Mas no nível da poesia — que Adriana domina como poucas e poucos na música popular brasileira —, sabe-se que há um incêndio impossível de ser delimitado. Pessoas amontoadas e sós, diante de um "céu pre-

to inteiro antes da uma / ninguém na rua nem mesmo a luz da lua", atravessam os seus dias mais estranhos, num mundo de desencantos, sonhando em ver seus entes queridos novamente. A dimensão do isolamento, interpõe-se ao cataclismo político, na percussão metálica que embala os versos "o que temos são janelas / o que temos são painéis" e no "sol quadrado" e "gado ba-

ratinado", rimados na es- perteza do samba.

Há provocação no funk "Bunda lê lê" — infantil, nos jogos de palavras do "senta a bunda e estuda" e "lê, lê" — e um pequeno milagre se em "Corre o Munda": diante da impossibilidade de rima e explicação para a cidade de Coimbra, a "compositora sem eira nem beira" se sai com uma canção. E das boas.